

Tragédia *Castro* de António Ferreira

PESSOAS DA TRAGÉDIA

Castro

Ama

Coro das moças de Coimbra

Infante D. Pedro

Secretário seu

El-Rei D. Afonso IV

Pêro Coelho

Diogo Lopes Pacheco

Mensageiro

ACTO I

CASTRO, AMA, CORO

CASTRO

Colhei, colhei alegres,
Donzelas minhas, mil cheirosas flores
Tecei frescas capelas
De lírios, e de rosas; coroi todas
As douradas cabeças.
Espirem suaves cheiros,
De que se encha este ar todo.
Soem doces tangeres, doces cantos.
Honrai o claro dia,
Meu dia tão ditoso! a minha glória
Com brandas liras, com suaves vozes.

AMA

Que novas festas, novos cantos pedes?

CASTRO

Ama, na criação ama, no amor mãe,
Ajuda-me ao prazer.

AMA

Novos extremos vejo.
Nas palavras prazer, água nos olhos.
Quem te faz juntamente leda, e triste?

CASTRO

Triste não pode estar quem vês alegre.

AMA

Mistura às vezes a fortuna tudo.

CASTRO

Riso, prazer, brandura na alma tenho.

AMA

Lágrimas sinais são da má fortuna.

CASTRO

Também da boa fortuna companheiras.

AMA

À dor são naturais.

CASTRO

E ao prazer doces.

AMA

Que força de prazer tas traz aos olhos?

CASTRO

Vejo meu bem seguro, que receava.

AMA

Que novo caso foi? que bem te veio?
Porque me tens suspensa?
Abre-me já, Senhora, essa alma tua,
O mal se abranda, o bem contando-o cresce.

CASTRO

Ó ama, amanheceu-me um alvo dia.
Dia de meu descanso. Sofre um pouco
Repetir de mais alto a minha história,
Em quanto o espirito ledó co a lembrança

De seu temor, de que já está seguro,
Ajunta ao mal passado o bem presente.
Daquele grande Afonso forte, e santo
Por poderosa mão de Deus alçado
Entre armas, ante inimigos o Real ceptro
Do grande Portugal, que inda está tinto
Do sangue de infiéis por seu bom braço,
Por legítima herança rege, e manda
O bom velho glorioso da vitória,
E nome do Salado, Afonso Quarto,
Dos Reis de Portugal sétimo em ordem,
Filho do grande Dinis, de Isabel santa,
Ambos já no alto Céu claras estrelas.
Cuja alta casa, e acrescentado Império
Pelos grandes avós espera alegre
Seu desejado herdeiro o Infante Pedro,
Meu doce amor, minha esperança, e honra.
Sabes como, em saindo dos teus braços,
Ama, na viva flor da minha idade,
(Ou fosse fado seu, ou estrela minha)
Cos olhos lhe acendi no peito fogo,
Fogo, que sempre ardeu, e inda arde agora
Na primeira viveza inteiro, e puro.
Por mim lhe aborreciam altos estados.
Por mim os nomes de Princesas grandes,
Por tão grande me havia nos seus olhos.
Um tempo duro, mas em fim forçado
Deu a Costança a mão, Costança aquela
Por tantas armas, e furor trazida,
Já quase do seu fado triste agouro:
Deu a Costança a mão, mas a alma livre,
Amor, desejo, e fé me guardou sempre.
Quantas vezes quisera honestamente
Podê-la dar a mim! quantas mais vezes
Se arrependeu depois de se ver preso!
Não lhe apagou o amor a nova esposa;
Não o tão festejado nascimento
Do desejado parto: antes mais vivo
Co tempo, e co desejo ardia o fogo.
Que fará? se o encobre, então mais queima.
Descobri-lo não quer, nem lhe é honesto.
Mas quem o fogo guardará no seio?
Quem esconderá amor, que em seus sinais
A pesar da vontade se descobre?
Nos olhos, e no rosto chamejava.
Nos meus olhos os seus o descobriam.
Suspira, e geme, e chora, a alma cativa
Forçada da brandura, e doce força,
Sujeita ao cruel jugo, que pesado
A seu desejo sacudir deseja.

Não pode, não convém: a fúria cresce.
 Lavra a doce peçonha nas entranhas.
 Os homens foge, foge a luz, e o dia.
 Só passeia, só fala, triste cuida.
 Castro na boca, Castro na alma, Castro
 Em toda parte tem ante si presente.
 Ele à mulher cuidado, eu ódio, e ira.
 Arde o peito a Costança em furor novo.
 Nem me ousam descobrir, nem vedar nada.
 Da antiga Casa Castro em toda Espanha,
 Já dantes do Real ceptro deste Reino
 Por grande conhecida, inda meu sangue
 Do Real sangue seu tinha grã parte.
 Mas inda à natureza dobram força,
 Arte ajuntando, e manha: el-Rei ao neto
 Por madrinha me dá, comadre ao filho.

AMA

Cegos, que quanto mais vedam, mais chamam.
 Cresce co a força Amor: e o que à vontade
 Se faz mais impossível, mais deseja.

CASTRO

Em fim, fortuna, que me já chamava
 Esta glória tão grande, quebra o nó
 Daquele jugo a meu amor contrário.
 Leva ante tempo a morte a Infanta triste.
 Herdo eu mais livremente o amor constante,
 Que a mim se entregou todo, e todo vive
 Na minha alma, onde está seguro, e firme,
 Já com doces penhores confirmado.
 Mas o espirito inquieto cos clamores
 Do povo, e rogos graves, que trabalham
 Apartar este amor, quebrar sua força,
 Me traziam medrosa receando
 A volta da fortuna, que ora amiga
 Ora imiga cruel alça, e derriba;
 Que sempre do mor bem, mor mal promete
 Falsa, inconstante, cega, vária, e forte.
 Lograva como a medo os meus amores.
 Criava o grande amor desconfiança:
 E a consciência errada sempre teme.

AMA

Quem te segurou já? quem novo espirito
 Te deu aos temores?

CASTRO

O meu medo.

AMA

Contrárias cousas falas.

CASTRO

O medo ousa
 Às vezes mais que o esforço: tomo os filhos
 Co as lágrimas nos olhos, rosto branco,
 A língua quase muda, em choro solta
 Ante ele assi começo: meu Senhor,
 Soam-me as cruéis vozes deste povo.
 Vejo del-Rei a força, e império grave
 Armado contra mim, contra a constância,
 Que em meu amor até agora tens mostrado.
 Não receio, Senhor, que a fé tão firme
 Queiras quebrar a quem tua alma deste;
 Mas receio a fortuna que mais possa
 Com seu furor, que tu com teu amor brando.
 Por estas minhas lágrimas, por esta
 Mão tua, que em sinal de fé me deste,
 Pelos doces amores, doce fruto,
 Que deles tens diante, se me deves
 Amor igual ao meu, ou se algũa hora
 Fui a teus olhos vista alegre, e doce,
 Me segures, me guardes, me conserves
 Contra os duros mandados de teu pai,
 Contra importunas vozes dos que podem
 Mudar acaso teu constante peito.
 Ou quando minha estrela, e cruel génio
 Te puder arrancar desta alma minha,
 Com teu armado braço envolta em sangue
 Me arranques deste corpo, que não veja
 Tão triste dia, tão cruel mudança;
 Eu tomarei por doce a minha morte:
 Por piedoso amor, tal crueldade.
 Moveste-me a alma, e os olhos.

CASTRO

Assi disse. Ele então lançando os braços
 Estreitamente em mim, mudado todo
 Em vão trabalha de encobrir a mágoa
 De meu temor, e lágrimas. E pode,
 Ó Dona Inês, me diz, pode teu peito
 Conceber tal receio? aquele dia

Primeiro, que te vi, não mostrou logo
 Que esta minha alma à tua só se deve?
 Por ti a vida me é doce, por ti espero
 Acrescentar impérios: sem ti o Mundo
 Duro deserto me pareceria.
 Não poderá fortuna, não os homens,
 Não estrelas, não fados, não planetas
 Apartar-me de ti por arte, ou força.
 Nesta tua mão te ponho firme, e fixa
 Minha alma; por Infante te nomeio,
 Do meu Amor Senhora, e do alto estado,
 Que me espera, e teu nome me faz doce.
 O grande movedor dos Céus, e terras
 Invoco, e chamo aqui: o alto Céu me ouça,
 E meu intento santo aprove, e cumpra.

AMA

Entendo o teu prazer, as tuas lágrimas.
 Também de prazer choro: tão contrária
 Nos é sempre a alegria, que inda toma
 Lágrimas emprestadas à tristeza.

CASTRO

Já não temo fortuna, já segura,
 E leda viverei.

AMA

No real espírito
 Não se deve esperar leve mudança.
 Ajuda tua estrela co bom siso.
 Muitas vezes a culpa empece ao fado.
 Prudência, e bom conselho o bem conserva:
 A soberba o destrói, e em grã mal muda.

CASTRO

Rege tu, ama minha, este meu peito.
 O súbito prazer engana, e erra.

AMA

Encobre teu segredo.

CASTRO

Na alma o tenho.

AMA

Deus to conserve.

CASTRO

Humilde aos Céus o peço.

INFANTE, CORO

INFANTE

Poderoso Senhor, grã pai do Mundo,
 Cujo poder imenso, altas grandezas
 Cantam os Céus, a terra, os elementos,
 A cujo aceno treme a redondeza,
 A cujo querer nada é impossível,
 Fortalece meu peito, arma-me todo
 De paciência igual à dura afronta.
 Sossega os alvoroços deste povo,
 A fúria de meu pai, que em vão trabalha
 Arrancar-me minha alma donde vive.
 Sou humano, Senhor: tentações grandes
 Vencem ânimos fortes.
 Ferve o sangue, arde o peito, cresce-me ira
 Contra quem me persegue: tu me amansa.
 Não poderei sofrer, não poderei
 A dura pertinácia, o cruel ódio,
 Que ao meu doce amor mostram.
 Vence a dor a razão: vence Amor força.
 Tu conserva, alto Deus, a prometida
 Fé, a quem já de lá dar-ma mandaste.
 Tudo de ti procede: sem ti nada
 Se move cá na terra. Quem entende
 Teus meios, e teus fins, e teus segredos?
 Quantas vezes mal é, o que bem parece!
 Quantas vezes o mal causa bens grandes!
 Quanto tempo sofreste o grande Afonso
 No nome de Bolonha celebrado,
 Que novas torres ajuntou às Quinas,
 Dura força fazendo ao matrimónio,
 Contra as divinas leis, contra as humanas!
 Quem então não chorava a crueldade
 Contra o primeiro amor? e quem calava
 A dura pertinácia do segundo?
 Mas tu querias dar ao Mundo o grande,
 Forte, prudente, e santo, um só Dinis,
 Paz, e concórdia entre altos Reis, que Remos
 Deu, e tirou, em armas claro, e em letras.

Eu de seu sangue, de seu estado herdeiro,
 Porque do meu amor tão mal julgado
 Não esperarei grandezas? Vê-las-ei,
 Vê-las-ei de ti, Castro; vive leda,
 Vive segura, lança os medos fora,
 Que antes morte, que vida sem ti quero.

CORO

Não é desculpa ao mal, outro mal grande.
 Quão danoso é no Mundo um mau exemplo!
 Que o que reprende em outro, em si o aprove.
 Mas não pode assi ser a Razão cega,
 Cada um levar-se deixa da vontade.

SECRETÁRIO, INFANTE, CORO

SECRETÁRIO

Quem ajuntar puder com água o fogo,
 Quem misturar co dia a noite escura,
 E quem o mau pecado com a virtude,
 Este no amor ajuntará razão,
 Este em falsa lisonja a lealdade.
 Um o amor não sofre, outro a virtude.
 E eu destes ambos venho agora armado.
 Não sei se poderei vencer com eles.
 Se algum espirito bom me quisesse ora
 Ajudar lá dos Céus, e aqui acabasse
 Esta vida; que fim mais glorioso
 Que pelos Céus deixar a baixa terra,
 Antes que por temor honra, e verdade?
 Aquele é que lá vejo pensativo,
 Deus me inspire que diga sem temor.
 Confiança há mister, e ânimo livre
 Quem quiser resistir ao mau propósito
 Do Príncipe, em que está determinado.
 Mas deixar de o fazer é vil fraqueza.

INFANTE

Que dirás, Secretário, a tão grã força
 Como querem fazer a esta minha alma?

SECRETÁRIO

Senhor, mas antes querem dar-ta livre
 Donde está tão forçada, e tão cativa.

INFANTE

Arrancam-me as entranhas, que me querem?
Esta gente que quer, que assi me mata?

SECRETÁRIO

Querem-te só, e procuram-te tua honra.
E quebrar daqui as asas à fortuna,
Que contra ti não tenha nunca forças.

INFANTE

Mas antes lhas vão dando quanto podem,
Procurando apartar-me donde vivo.

SECRETÁRIO

Se te visses, Senhor, ver-te-ias morto:
Ver-te-ias cego: em quanto homem não vive
Com sua alma própria, pode a tal ser vida?

INFANTE

Também tu me persegues? também vens
Afiado cortar-me estas raízes,
Que no meu peito já tão firmes tenho?

SECRETÁRIO

Piadosa obra faz ao que está preso
Quem as prisões lhe corta, e as más cadeias.
Oh claríssimo Infante meu Senhor,
Muito há que me conheces, teus segredos
De mim com razão sempre confiaste.
Nunca te descobri as zombarias,
Nunca descobrirei o menor deles.
De ùa parte me tens por Secretário,
Mas de outra me hás de ter por Conselheiro.
Cumprerei eu contigo, e co que devo:
Então venha tua ira, que eu não quero
Melhor morte, que aquela, que de infâmia
Livrar a vida, e a alma de perigo.
Um o amor não sofre, outro a virtude.
E eu destes ambos venho agora armado.
Não sei se poderei vencer com eles.
Se algum espirito bom me quisesse ora
Ajudar lá dos Céus, e aqui acabasse
Esta vida; que fim mais glorioso
Que pelos Céus deixar a baixa terra,

Antes que por temor honra, e verdade?
 Aquele é que lá vejo pensativo,
 Deus me inspire que diga sem temor.
 Confiança há mister, e ânimo livre
 Quem quiser resistir ao mau propósito
 Do Príncipe, em que está determinado.
 Mas deixar de o fazer é vil fraqueza.

INFANTE

Que dirás, Secretário, a tão grã força
 Como querem fazer a esta minha alma?

SECRETÁRIO

Senhor, mas antes querem dar-ta livre
 Onde está tão forçada, e tão cativa.

INFANTE

Arrancam-me as entranhas, que me querem?
 Esta gente que quer, que assi me mata?

SECRETÁRIO

Querem-te só, e procuram-te tua honra.
 E quebrar daqui as asas à fortuna,
 Que contra ti não tenha nunca forças.

INFANTE

Mas antes lhas vão dando quanto podem,
 Procurando apartar-me donde vivo.

SECRETÁRIO

Se te visses, Senhor, ver-te-ias morto:
 Ver-te-ias cego: em quanto homem não vive
 Com sua alma própria, pode a tal ser vida?

INFANTE

Também tu me persegues? também vens
 Afiado cortar-me estas raízes,
 Que no meu peito já tão firmes tenho?

SECRETÁRIO

Piadosa obra faz ao que está preso
 Quem as prisões lhe corta, e as más cadeias.

Oh claríssimo Infante meu Senhor,
 Muito há que me conheces, teus segredos
 De mim com razão sempre confiaste.
 Nunca te descobri as zombarias,
 Nunca descobrirei o menor deles.
 De ùa parte me tens por Secretário,
 Mas de outra me hás de ter por Conselheiro.
 Cumprirei eu contigo, e co que devo:
 Então venha tua ira, que eu não quero
 Melhor morte, que aquela, que de infâmia
 Livrar a vida, e a alma de perigo.
 Não vês, Senhor, que o Sol, se escurecesse,
 Quanto cobre, e descobre, ficaria
 Tão triste, e escuro, como agora claro?
 Pois tal é o bom Príncipe: Sol nosso,
 Com cuja luz nos vemos, e seguimos
 A justiça que aos Céus nos vai levando.
 Se se esta em ti perder, onde a acharemos?.
 Quem a virtude seguirá, quem honra?
 Abateres-te assi de Príncipe alto
 A pensamentos baixos, que se estranham
 Nos homens baixos, parecer-te pode
 Grandeza de ti digna? e do que deves
 A este estado tão alto, que te espera?

INFANTE

Quem tão livre te faz, e tão ousado?

SECRETÁRIO

Amor, e lealdade esta ousadia
 Me dão: dá-ma a Razão, que tem tal força,
 Que inda que se não siga, não se nega.
 Lá dentro em ti te vejo estar sentindo
 Em teu ânimo Real, e generoso
 Quase ùa reverência, a que te move,
 Inda que com desgosto, a sã verdade.
 Não me queres ouvir, mas bem me julgas,
 Move-te o zelo honesto, a fé tão pura.
 Deixa-te reprender de quem bem te ama,
 Que ou te aproveita, ou quer aproveitar-te.
 Não recebas enganos de quem teme,
 Ou deseja, ou espera, à custa tua,
 De tua honra, e dos teus, que a tantos mata.
 Louvas tu, ou alguém louvará aquele,
 Que podendo ilustrar a glória antiga
 De seus passados com mor honra, e fama,
 Não somente o não faz, mas escurece
 Daquela luz antiga o claro raio?

INFANTE

Mas antes não viver merecia esse,
Antes não ser nascido: que a Águia vemos
Os filhos enjeitar, que ao Sol não olham.

SECRETÁRIO

E que dirás, que julgarás daquele,
Que em vez de se armar bem contra a fortuna,
Causas anda buscando de a ter sempre
Contrária a sua vida, e seu estado?

INFANTE

Quem não teme a fortuna, e não procura
De contra ela se armar, tê-la-á imiga,
Que aos que se lhe mais dão, sempre persegue.

SECRETÁRIO

Julgaste-te a ti mesmo.

INFANTE

Em que? ou como?

SECRETÁRIO

Aquele claro sangue, aquele nome
Heróico, tão alto, e em todo o Mundo
Honrado, e conhecido dos Reis grandes,
De cujo tronco vens, não fica escuro
Misturado com outro diferente
Dos que foram nascidos, e criados
Para humildes sofrerem teu Real jugo,
Obedecendo ao Império, e aos acenos?
Depois disto não vês o grã desprezo,
Em que serás aos teus? o grã perigo
Em que pões este Reino, co a soberba
De poucos, que ergues tanto, e tanto podem
Com teu favor, que mostram já desprezo
A quem devem mostrar acatamento?
Que cousa mais destrói o Rei, e Reino?
Que cousa cria mor desprezo, e ódio
Que vê-lo sujeitar-se a cousas baixas?
Que vê-lo ser mandado de seus vícios?
Com que rosto, Senhor, darás castigo
Aos que assi cometerem o que cometes?

Como conservarás a obediência
 Santa devida aos pais, pois tu a negas
 Aos teus no que te pedem justamente?
 Memória deixarás de mau exemplo
 A teus filhos: darás licença larga
 A Reis, que isto souberem: ao Mundo causa
 De escurecer teu nome para sempre.
 De um mal vê quantos males nascem logo:
 Todos sobre ti caem: Senhor, vê-te.
 Conhece-te melhor: entra em ti mesmo.
 Verás então o porque te importunam,
 O que te pede el-Rei, o que teu povo.

CORO

Conselheiro fiel, ousado, e forte
 Feriste co a razão a alma, que dura
 Os olhos em vão cerra.

INFANTE

Eu não sou, nem fui nunca qual me julgas,
 Ou qual me julgais todos. Outros olhos
 Diferentes dos vossos são os meus,
 Com que me vejo, e vejo que o que faço,
 Não é tamanho mal, como vós vedes.
 Eu não faço erro algum: sigo o que o espirito
 Me diz, e me revela, a quem eu creio.
 Cos príncipes tem Deus outros segredos,
 Que vós não alcançais, e como cegos
 Nos juízos errais de seus mistérios.
 Olhai esta mulher, vede o que há nela.
 De um sangue nos formou a natureza:
 Real é, de Reis vem, de Reis é digna.
 Do mundo quisera eu ser só Monarca,
 Monarca de mil Mundos, para todos
 Debaixo dos pés pôr, de quem tanto amo.
 Mui baixa me parece esta coroa
 Para aquela cabeça. Olha o que mando:
 Tu jamais me não fales em tal cousa.
 Meias duros pais não curem de cansar-me;
 Porque nem posso nisso obedecer-lhes,
 Nem em o não fazer desobedeço.
 Arranquem-me a vontade deste peito,
 Arranquem-me do peito esta alma minha,
 Então acabarão o que começam.
 Não cuidem que me posso apartar donde
 Estou todo, onde vivo: que primeiro
 A terra subirá onde os Céus andam,
 O mar abrasará os Céus, e terra,

O fogo será frio, o Sol escuro,
A Lua dará dia, e todo Mundo
Andará ao contrário de sua ordem
Que eu, ó Castro, te deixe, ou nisso cuide.
Dei-te alma, dei-te fé, guardá-la-ei firme.
Confio isto de ti, não mo descubras.

SECRETÁRIO

Oh Senhor, que me matas! Deus quisera
Que nunca merecera honra tamanha.
Pois me põe em perigo de desonra.
Seguir tua vontade, é destruir-te,
Destruir este Reino, e teu pai triste:
Querer-te apartar dela é impossível.

INFANTE

Segue minha razão, minha vontade.

SECRETÁRIO

Não te vejo razão, vejo vontade.

INFANTE

Segue a vontade, que forçar não podes.

SECRETÁRIO

Manda-me o que te devo que a não siga.

INFANTE

Queres mandar teu Príncipe?

SECRETÁRIO

Mas sirvo.

INFANTE

Obedece ao que quero.

SECRETÁRIO

Manda o justo.

INFANTE

Deus só me julga.

SECRETÁRIO

E a razão te obriga.

INFANTE

Livre há-de ser um Príncipe.

SECRETÁRIO

Cativo
É quem de si se vence.

INFANTE

Inda importunas?

SECRETÁRIO

Se te não conselhar, meus são teus erros.

INFANTE

Eu te livrarei deles.

SECRETÁRIO

A Deus temo.
Tu no corpo só podes, ele na alma.
Eu aconselhar-te posso, forçar não.
Testemunha me é Deus: e tu também.
Amor em ti só reina, amor te manda
Peçonha doce de alma, de honra, e vida.
Mas porque te não movem tantos choros
Da Rainha tua mãe? os tantos rogos
Del-Rei teu pai? os tão leais conselhos
De quantos a teus pés estão lançados,
Pedindo-te piedade deste Reino,
Que ameaçado está assi da fortuna?
Não te declararás por honra tua,
E prova para o Mundo, que te infama
Com nome de pecado pertinaz?
Eu choro de assi ver lia mulher fraca
Mais forte contra ti, que quantas forças
De Deus, do Mundo estão por ti tirando.

INFANTE

Ó perseguição forte, á ódio estranho!
 O duros fados todos conjurados
 Cos Céus, e com as estrelas a perder-me!
 Que me quereis? que sem razão vos faço,
 Homens de entranhas feras, e danadas,
 Em ter igual amor a quem mo tem?
 A quem é tão devido? quem o Mundo
 Todo merece ter, e inda é pequeno?
 Homens, que procurais meu mal, e morte,
 Vede bem o que eu vejo: que alto império
 Daquele Real rosto não será
 Honrado, e acrescentado? aquele rosto,
 Que tanto aborreceis, que Mundos pede!
 Que estados, que grandezas, que triunfos!
 Em corpo tão fermoso a fermosa alma
 Tão santa, tão honesta, casta, e pura
 Que tacha podeis dar? ou que virtudes,
 Que graças das mais raras, e excelentes
 Não achareis em tudo, quanto mostra?
 Pode ser mais cru ódio, e mais injusto?
 Pode ser mor inveja, e mais sem causa?

CORO

O quão perigoso é qualquer princípio
 De mal, que um só descuido pode tanto,
 Que traz um ânimo alto a tal baixeza!

INFANTE

Para onde fugirei, porque me deixem?

SECRETÁRIO

De ti hás-de fugir, por teu remédio.

INFANTE

Não me valerá já ver que não posso?

SECRETÁRIO

Tu mesmo te puseste em tal fraqueza.

INFANTE

Não quero, nem desejo arrepender-me.

SECRETÁRIO

Acrescentas o erro com a vontade.

INFANTE

Se é erro, como dizes, não houve outros?

SECRETÁRIO

Houve, mas todavia foram erros.

INFANTE

Desculpem-me outros Reis, e Imperadores.

SECRETÁRIO

Como o farão, poisa si não puderam?

INFANTE

Não me persigas mais.

SECRETÁRIO

O mal persigo.

INFANTE

Um Príncipe de um Reino tão cativo
Há-de ser, que não faça o que costuma
Qualquer do povo seu?

SECRETÁRIO

Um Príncipe antes
Há-de ter seu espírito tão alçado
Da terra, que dela erga o pensamento
Ao baixo povo seu, para que o siga.
Espírito há-de ser puro: um ouro limpo,
Sem fezes, e sem liga: exemplo claro
De fortaleza, mansidão, e justiça.

INFANTE

Vai-te diante mim, fuge minha ira.

SECRETÁRIO

Quem governará ùa vontade livre,
Que outro Senhor não tem, senão a si mesma?

CORO I

Quando Amor nasceu,
 Nasceu ao Mundo vida,
 Claros raios ao Sol, luz às estrelas.
 O Céu resplandeceu,
 E de sua luz vencida
 A escuridão mostrou as cousas belas.
 Aquela, que subida
 Está na terceira esfera,
 Do bravo mar nascida,
 Amor ao Mundo dá, doce amor gera.
 Por amor se orna a terra
 De águas, e de verdura,
 Às árvores dá folhas, cor às flores.
 Em doce paz a guerra,
 A dureza em brandura,
 E mil ódios converte em mil amores.
 Quantas vidas a dura
 Morte desfaz, renova:
 A fermosa pintura
 Do Mundo, Amor a tem inteira, e nova.
 Ninguém tema seus fogos,
 E chamas furiosas.
 Amor é tudo, amor suave, e brando,
 Sujeito a brandos rogos,
 As águas amorosas
 Dos olhos com brandura está alimpando.
 Douradas, e fermosas
 Setas na aljava soam
 À vista perigosas;
 Mas amor levam, dos amores voam.
 Amor em doces cantos,
 Em doces liras soe,
 Torne seu brando nome este ar sereno.
 Fugam mágoas, e prantos,
 O ledo prazer voe,
 E claro o rio faça, o vale ameno.
 No terceiro Céu toe
 De amor a doce lira,
 E de lá te coroe,
 Castro, de ouro o grã Deus, que amor inspira.

CORO II

Antes cego Tirano
 Dos poetas fingido,
 Cruel desejo, e engano,
 Deus de vã gente, de ócio só nascido.

Geral estrago, e dano
 Da gloriosa fama,
 Com sua seta, e chama
 Tirando a toda a parte
 Ardendo fica Apolo, ardendo Marte.
 Vai pelos ares voando;
 Arde cá toda a terra,
 E de aljava soando
 O tiro empece mais, quanto o mais erra.
 Tem por glória ir juntando
 Estados diferentes:
 Os mais convenientes
 A Amor, e iguais aparta.
 Nunca de sangue, e lágrimas se farta.
 No tenro, e casto peito
 Da moça vergonhosa,
 Tempo esperando, e jeito,
 Entra com força branda, ou furiosa.
 O fogo já desfeito
 Da cinza outra vez cria,
 No frio sangue, e fria
 Neve outra vez se acende.
 Dos olhos no meio da alma o raio prende.
 Dali sua peçonha
 Vai por todas as veias.
 15 A alma dormente sonha
 Em seu engano, e tece doces teias.
 Foge a casta vergonha.
 Foge a constância forte.
 Entra tristeza, e morte
 Debaixo de brandura,
 Que a razão mata, o coração endurece.
 Quem a ferrada maça
 Ao grande Alcides toma?
 E quer que assi aos pés jaça
 Da moça, feito moça, quem leões doma?
 Quem da espantosa caça
 Os despojos famosos
 Lhe converte em mimosos
 Trajos de Dama, e o uso
 Das duras mãos lhe põe no brando fuso?
 Júpiter transformado
 Em tão várias figuras, Deixando desprezado
 O Céu, quão baixo o mostram mil pinturas!
 Poderosas branduras,
 Que assi as almas convertem
 No que amam! assi sovertem
 Por manha a grande alteza
 Do espirito, que se enterra em vil fraqueza!
 De que outro fogo ardia

Dos Teucros a alta glória?
De que deixou história
Tão triste ao Mundo Espanha a forte, e pia?
Amor cego vencia.
Amor cruel matava.
Um moço triunfava
De tanto sangue, e vidas
Por um vão apetite mal vendidas.
Ditoso, ó quão ditoso!
Quem o seu peito armou
Contra o raio furioso:
Ou em alçando as chamas o apagou!
Poucos, que Deus amou,
Dos Céus tanto alcançaram.
E mil, e mil choraram
Do vão contentamento
Ao cego Infante seu rependimento.

ACTO II

EL-REI D. AFONSO IV, PÊRO COELHO,
DIOGO LOPES PACHECO, CONSELHEIROS

REI

Oh ceptro rico, a quem te não conhece,
Como és fermoso, e belo! e quem soubesse
Bem quão diferente és do que prometes,
Neste chão que te achasse, quereria
Pisar-te antes cos pés, que levantar-te.
Não louvo os que se louvam por impérios
A ferro, sangue, e fogo destruírem,
O seu próprio estendendo: mas aqueles
(Ó grandeza espantosa, e ânimo livre!)
Que tendo-os muito grandes, os deixaram.
Mor alteza, e mor ânimo é as grandezas
Desprezar, que aceitar: e mais seguro
A si cada um reger, que o Mundo todo.
O resplendor deste ouro nos engana
E é terra em fim, e terra a mais pesada.
De ùa alta fortaleza estamos sempre
Postos por atalaias à fortuna:
Por escudos do povo, oferecidos
A receber seus golpes; não fazê-lo
É usar mal do ceptro, e bem fazê-lo
É não ter vida mais segura, e certa,
Que quanto estes perigos nos prometem.

CONSELHEIROS

Gloriosos perigos, e trabalhos,
Oh bem-aventurados, pois te sobem
Da coroa da terra à que nos Céus
Mais rica, mais gloriosa te darão.

PACHECO

Trabalho mais que estado tem os Reis,
Os bons Reis, que não amam assi seus vícios,
Como as obrigações de se mostrarem
Contra si mais isentos, e mais fortes
Que o povo baixo, que anda só após eles.
E tal Rei como tu, Senhor, é Rei.
Não te pese de o ser, que virá tempo,
Que te hajam mais inveja a esses trabalhos
Sofridos com paciência, e bem regidos,

Que a vitórias famosas com grã perda
 De homens, e de riquezas mal ganhadas.
 Isto faz os Reis grandes, dignos sempre
 De memória imortal, sofrer trabalhos
 Pelo público bem, quebrar a força
 Do sangue, e próprio amor; fazer-se exemplo
 De todo bem ao povo, atalhar prestes
 O mal em seu começo, antes que empeça.
 Depois nem forças bastam, nem conselho.
 Atalhando a este mal, que e assi agora
 Tão trabalhado traz, ficarás livre
 Rindo-te da fortuna, e de seus medos.

REI

Vence o mal ao remédio. Vejo o Infante
 De todo contra mim determinado,
 Duro a meus rogos, mais duro aos mandados.
 Que estrela foi aquela tão escura?
 Que mau signo, ou que fado, ou que planeta?

PACHECO

Em quanto há ocasião, dura o pecado:
 Tirando-lha, ei-lo livre.

REI

Forte cousa
 Endurecer-se assi aquela vontade!

PACHECO

Endureça-se a tua com justiça.

REI

Duro remédio! quanto melhor fora
 Amor, e obediência! meus pecados
 Quão gravemente sobre mim caíram!

CONSELHEIROS

Senhor, para que é mais? moura esta dama.

REI

Que moura todavia?

PACHECO

Senhor, moura
Por salvação do povo.

REI

Não é crueza
Matar quem não tem culpa?

CONSELHEIROS

Muitos podes
Mandar matar sem culpa, mas com causa.

REI

Com que cor, com que causa esta matamos?

PACHECO

Não basta que em sua morte só se atalham
Os males, que sua vida nos promete?

REI

Ela que culpa tem?

PACHECO

Dá ocasião.

REI

Oh que ela não a dá, o Infante a toma.
Que lei há, que a condene, ou que justiça?

CONSELHEIROS

O bem comum, Senhor, tem tais larguezas
Com que justifica obras duvidosas.

REI

Assi que assentais nisto?

CONSELHEIROS

Nisto: moura.

PACHECO

Moura.

REI

Ûa inocente?

CONSELHEIROS

Que nos mata!

REI

Não haverá outro meio?

PACHECO

Não o temos.

REI

Metê-la-ei num mosteiro.

CONSELHEIROS

Ei-lo queimado.

REI

Mandá-la-ei deste Reino.

CONSELHEIROS

O amor voa.

Este fogo, Senhor, não morre logo.

Quanto lhe mais resistes, mais se acende.

Contra Amor que lugar darás seguro?

REI

Matá-la é cruel meio, e rigoroso.

PACHECO

Não vês, não ouves quantas vezes morrem

Muitos, que o não merecem? Deus o quer

Pelo bem, que se segue.

REI

Deus o faça,
Cuja vontade é lei, e a minha não.

PACHECO

Essa licença tem também os Reis,
Que em seu lugar estão.

REI

Antes não tem
Licença para mais, que quanto pede
A razão, e justiça: a mais licença
É bárbara crueza de infiéis.

PACHECO

Pois que dirás daqueles, que a seus próprios
Filhos, e a seu amor não perdoaram
Pelo exemplo comum, e bem do povo?

REI

Aos que o bem fizeram, hei inveja.
Os outros nem os louvo, nem os sigo.

CONSELHEIROS

Inda que houvesse excessos, todavia
Mais males atalharam, dos que deram.

REI

Não se há-de fazer mal por quantos bens
Se possam daí seguir.

CONSELHEIROS

Nem bem, nenhum,
De que se sigam males.

REI

Mal parece
Matar tia inocente.

PACHECO

Não é mal:
Que a causa o justifica.

REI

Antes Deus quer
Que se perdoe um mau, que um bom padeça.

CONSELHEIROS

O bem geral quer Deus que mais se estime,
Que o bem particular. Nas circunstâncias
Se salvam, ou se perdem as obras todas.

REI

Enganam-se os juízos muitas vezes.

CONSELHEIROS

Os dos Reis bem fundados Deus inspira.

REI

Hei medo de deixar nome de injusto.

CONSELHEIROS

De justo o deixarás, pois te conselhas
Cos juízos dos teus leais prudentes.

PACHECO

Vês, poderoso Rei, vês cos teus olhos
A peçonha cruel, que vai lavrando
Gerada deste amor cego: vês quanto
A soberba, e desprezo destes homens
Contra ti, e contra todos vai crescendo.
Se em tua vida nos tememos tanto,
Que faremos depois da tua morte?
Por dar saúde ao corpo, qualquer membro
Que apodrece, se corta, e pelo são,
Porque o são não corrompa. Este teu corpo,
De que tu és cabeça, está em perigo
Por esta mulher só: corta-lhe a vida,
Atalha esta peçonha, tê-lo-ás salvo.
Médico, Senhor, és desta República.
O poder, que tem o Médico num corpo,
Tens tu sobre nós todos: usa dele.
Se te parece em parte isto crueza,
Não é crueza aquela, mas justiça,
Quando de cruel ânimo não nasce.

Tua tenção não peca, em si se salva.
 A aspereza desta obra é medicina,
 Com que se atalham as mortes, que adiante
 Muitos é que por força te mereçam,
 A demência por certo é grã virtude,
 E digna mais dos Reis, que outras virtudes,
 Pelo perigo grande, que há na ira,
 Em quem tão livremente assi a executa:
 Mas com esta o rigor é necessário,
 Por não vir em desprezo tal virtude.
 Este é o que se chamou severidade,
 De que tantos exemplos nos deixaram
 Os famosos Romãos em paz, e guerra.
 Estas colunas ambas são tão fortes,
 Que bem-aventurado este teu Reino,
 Que nelas por ti só está tão fundado.
 De tal modo, Senhor, hás-de usar delas,
 Que ùa vá sempre doutra acompanhada.
 Exemplos tens mostrado de demência,
 Mostra agora, que é bem, severidade.

REI

A parte, que me cabe deste feito,
 Eu a ponho em vós toda, como aqueles,
 Que sem ódio, e temor sois obrigados
 Aquilo conselhar-me, que é só justo,
 Mais serviço de Deus, e bem do povo.
 Vós outros sois meus olhos, que eu não vejo.
 Vós sois minhas orelhas, que eu não ouço.
 Minha tenção me leve, ela me salve.
 O engano se é vosso, em vós só caía.

PACHECO

Sobre nós descarrega esse teu peso.

CONSELHEIROS

Eu tomo minha parte, ou tomo todo.
 Almas, e honras temos: estas ambas
 A ti, Senhor, se devem, a ti as damos.
 Estas sós te conselham, que bem vês
 Quão grande mal é nosso, o que fazemos.
 O Aventuramos vidas, e fazendas,
 Que em ódio de teu filho ficam sempre,
 Sob cujos pés ficamos, e em cuja ira.
 Mas percamo-nos nós, percamos vidas;
 Soframos cruéis mortes; nossos filhos
 Fiquem órfãos de nós, e deserdados;

A fúria de teu filho nos persiga,
 Antes que esse tal medo em nós mais possa,
 Que o que a virtude manda, e te devemos.

REI

I-vos aparelhar, que em vós me salvo.
 Senhor, que estás nos Céus, e vês as almas,
 Que cuidam, que propõem, que determinam,
 Alumia minha alma, não se cegue
 No perigo, em que está: não sei que siga.
 Entre medo, e conselho fico agora:
 Matar injustamente é grã crueza.
 Socorrer a mal público é piedade.
 De ùa parte receio, mas doutra ousou.
 Oh filho meu que queres destruir-me!
 Há dó desta velhice tão cansada:
 Muda essa pertinácia em bom conselho.
 Não dês ocasião para que eu fique
 Julgado mal na terra, e condenado
 Ante aquele grã Juiz, que está nos Céus.
 Ó vida felicíssima, a que vive
 O pobre lavrador só no seu campo,
 Seguro da fortuna, e descansado,
 Livre destes desastres, que cá reinam!
 Ninguém menos é Rei, que quem tem Reino.
 Ah que não é isto estado, é cativo
 De muitos desejado, mas mal crido.
 Ûa servidão pomposa, um grã trabalho
 Escondido sob nome de descanso.
 Aquele é Rei somente, que assi vive
 (Índa que cá seu nome nunca se ouça)
 Que de medo, e desejo, e de esperança
 Livre passa seus dias. Ó bons dias!
 Com que eu todos meus anos tão cansados
 Trocara alegremente. Temo os homens,
 Com outros dissimulo; outros não posso
 Castigar, ou não ousou. Um Rei não ousa.
 Também teme seu povo: também sofre.
 Também suspira, e geme, e dissimula.
 Não sou Rei, sou cativo: e tão cativo
 Como quem nunca tem vontade .livre.
 Salvo-me no conselho dos que creio
 Que me serão leais: isto me salve,
 Senhor, contigo: ou tu me mostra cedo
 Remédio mais seguro, com que viva
 Conforme a este alto estado, que me deste.
 E me livra algum tempo antes que moura,
 De tanta obrigação, para que possa
 Conhecer-me melhor, e a ti voar

Com mais ligeiras asas do que pode
 Ûa alma carregada de tal peso.

CORO

Quanto mais livre, quanto mais seguro
 E aquele estado, que de si contente
 Não se levanta mais que quanto pode
 Fugir misérias!
 Tristes pobreza ninguém as deseje.
 Cegas riquezas ninguém as procure.
 Num meio honesto está a felicidade
 Dos Céus, e terra.
 Reis poderosos, Príncipes, Monarcas
 Sobre nós ponde vossos pés, pisai-nos.
 Mas sobre vós está sempre a fortuna.
 Nós livres dela.
 Nos altos muros soam mais os ventos.
 As mais crescidas árvores derribam.
 As mais inchadas velas no mar rompem.
 Caem mores torres.
 Pompas, e ventos, títulos inchados
 Não dão descanso, nem mais doce sono.
 Antes mais cansam, antes em mais medo
 Põem, e perigo.
 Como se volvem no grão mar as ondas,
 Assi se volvem estes peitos cheios.
 E nunca fartos, nunca satisfeitos,
 Nunca seguros.
 Se eu me pudesse à minha vontade
 Formar meus fados, mais não quereria
 Que meãmente segurar a vida
 Co necessário.
 Quem mais deseja, muitas vezes se acha
 Triste, enganado: poucas vezes dorme,
 Temendo o fogo, ventos, ares, sombras,
 Temendo os homens.
 Rei poderoso, tu porque desejas
 Nunca ter Reino? porque essa coroa
 Chamas pesada? pelo peso de alma,
 Que te carrega.
 Quão poucas vezes vimos
 Tardar a grã justiça,
 Que não decesse sobre
 Aqueles livres filhos,
 Que contra a natural
 Obrigação, e lei
 Negaram obediência
 Àqueles, que os geraram!
 Pecado torpe, e feio

Ante Deus, ante os homens.
Mais para Hircanos Tigres,
Mais para Leões bravos,
Que razão não conhecem,
Que para quem só dela,
E para ela é formado.
Aquele amor tão grande
Dos pais, com que te criam
Co sangue do seu peito,
Que fereza há tamanha,
Que tal brutalidade,
Que contra ele te mova?
Rei Dom Afonso, Rei,
Lembra-te de ti mesmo.
Aqueles erros feios,
Com que tu perseguiste
Teu pai tão cruamente,
Lhe dão de ti vingança
Polo outro teu filho,
Que te desobedece.
Viram-se as Reais Quinas
Pelo mesmo Deus dadas
Aquele Rei primeiro,
De que herdaste esse nome
Com esse ceptro rico,
Levantadas por ti,
Não contra cinco Reis,
Com cujo sangue as houve,
Mas contra el-Rei teu pai,
Mas contra teus vassallos.
Viram-se as Reais Quinas
Cruéis contra si mesmas
Em bravo fogo acesas
Contra ùa parte, e outra,
De que tão cruelmente
Corria um mesmo sangue!
Quantas vezes a santa
Rainha tua mãe
Se meteu nesse fogo
Por te salvar a vida?
Por ela era apagado.
Por ti tornava arder.
Agora ardes nestoutro.
Justiça de Deus grande!

ACTO III

CASTRO, AMA

CASTRO

Nunca mais tarde para mim que agora
 Amanheceu. Ó Sol claro, e fermoso,
 Como alegras os olhos, que esta noite
 Cuidaram não te ver! ó noite triste!
 Ó noite escura, quão comprida foste!
 Como cansaste esta alma em sombras vás!
 Em medos me trouxeste tais, que cria
 Que ali se me acabava o meu amor,
 Ali a saudade da minha alma,
 Que me ficava cá: e vós, meus filhos,
 Meus filhos tão fermosos, em que eu vejo
 Aquele rosto, e olhos do pai vosso,
 De mim ficáveis cá deseparados.
 Oh sonho triste, que assi me assombraste!
 Tremo inda agora, tremo. Deus afaste
 De nós tão triste agouro. Deus o mude
 Em mais ditoso fado, em melhor dia.
 Crescereis vós primeiro, filhos meus,
 Que chorais de me ver estar-vos chorando;
 Meus filhos tão pequenos! ai meus filhos,
 Quem em vida vos ama, e teme tanto,
 Na morte que fará? mas vivereis,
 Crescereis vós primeiro, que veja eu
 Que pisais este campo, em que nascestes,
 Em fermosos ginetes arraiados,
 Quais vosso pai vos guarda, com que o Rio
 Passeis a nado a ver esta mãe vossa:
 Com que canseis as feras; e os imigos
 Vos temam de tão longe, que não ousem
 Nomear-vos somente. Então me venham
 Buscar meus fados: venha aquele dia
 Que me está esperando: em vossos olhos
 Ficarei eu, meus filhos: vossa vida
 Tomarei eu por vida em minha morte.

AMA

Que choros, e que gritos, Senhora, eram
 Os que te ouvi esta noite?

CASTRO

Ó ama minha,

Vi a morte esta noite crua, e fera.

AMA

Entre sonhos te ouvi chorar tão alto,
Que de medo, e de espanto fiquei fria.

CASTRO

Inda agora minha alma se entristece
Assombrada dos medos, em que estive.
Cansada de cuidar na saudade,
Que sempre leva, e deixa aqui o Infante,
Adormeci tão triste, que a tristeza
Me fez tomar o sono mais pesado
Do que nunca me lembra que tivesse.
Então sonhei que estando eu só num bosque
Escuro, e triste, de ùia sombra negra
Coberto todo, ouvia ao longe uns brados
De feras espantosas, cujo medo
Me arrepiava toda, e me impedia
A língua, e os pés, eu co a alma quase morta
Sem me mover, meus filhos abraçava.
Nisto um bravo Leão a mim se vinha
Co a catadura fera, e logo manso
Para trás se tornava: mas em se indo,
Não sei donde saíam uns bravos Lobos,
Que remetendo a mim com suas unhas
Os peitos me rasgavam. Então alçava
Vozes aos Céus, chamava meu Senhor,
Ouvia-me, e tardava: e eu morria
Com tanta saudade, que inda agora
Parece que a cá tenho: e esta alma triste
Se me arrancava tão forçadamente,
Como quem ante tempo assi deixava
Seu lugar, e deixava para sempre
(Que este na minha morte era o mor mal)
A doce vista de quem me ama tanto.

AMA

Ai, e como estaria essa tua alma
Tão morta! Deus te guarde. Mas às vezes
O pensamento triste traz visões
Escuras, e medonhas: do cuidado,
Com que, Senhora, andaste, e adormeceste,
Se te representaram esses medos.

CASTRO

Choro daquela dor, daquela mágoa,
Que ao meu Infante dera a minha morte.

AMA

Para que choras sonhos?

CASTRO

Não sei que hei:
O Não sei que peso é este, que cá tenho
Assi no coração, que me carrega.
Soía ser que, quando só ficava,
Como agora me vejo, em meu senhor
Eram todos meus sonhos tão alegres,
Que desejava a noite, para nela
Me lograr dos enganos, que com ele
Se me representavam: ali o via,
Ali cria que o tinha e que falava
Comigo, e eu com ele: e muitas vezes
Muitas palavras, que ele em se partindo
Me dizia chorando, ali chorando
Mas tornava a dizer, e eu o detinha
Apertado em meus braços, senão quando
Acordava abraçada só comigo.
Aqueles meus enganos me sustinham
Das noites para os dias. E esta noite
Perdia estes enganos com a vida.

AMA

Outro dia verás, que te amanheça
Mais claro, e mais ditoso: em que a coroa,
Que te espera, terás sobre esses teus
Cabelos de ouro. Alegra-te entre tanto.
Deixa vás sombras, deixa tristes medos.

CASTRO

Não sei que esta alma vê, que tanto teme.

AMA

A imaginação é perigosa.

CASTRO

Que fará quem não pode fugir dela?

AMA

Cuidar no bem lança a tristeza fora.

CASTRO

Faze-me o bem seguro, que eu não vejo.

AMA

Porque temes o mal, de que estás livre?

CASTRO

Porque temo perder o bem, que espero.

AMA

Temer de longe o mal, é mal dobrado.

CASTRO

Como estará alma leda em culpa sua?
Julgam-me mal os homens, e a Deus temo.

AMA

Dos secretos, Senhora, que parecem
Ao Mundo (que os não vê, e do de fora
Julga somente) feios, maus, e torpes,
Basta a só consciência, basta tanto,
Que com esta há-de ter Deus toda a conta.
Esta, Senhora, é boa prova de alma
Pois esta está segura no teu peito.
Se pecado houve já, já está purgado
Com esse ânimo firme, com que já ambos
Estais confederados santamente.
O tempo Deus trará com mor seguro
Do que vos este dá, para mais claro
O Mundo conhecer quão grã perigo
É as almas julgar, que só Deus vê.
Entre tanto contente espera, e vive.
Vive, para que viva quem tanto ama
Esta tua vida, em que toda está a sua.

CASTRO

Nunca o tanto meus olhos desejaram.
Nunca meu pensamento o imaginou
De mim tão esquecido. Deus o guarde.
Deus te guarde, senhor, que me parece

Que algum mal te detém: algum mal grande.
 Arranca-se a minha alma de mim mesma.
 Parece que voar quer onde estás.
 Parece que lhe foges, que me deixas.
 Ah pensamentos tristes, pensamentos
 Escuros, carregados: i-vos, i-vos.

AMA

Ah não te agoures mal! que melhor fado
 O teu será, Senhora; quem tristeza
 De sua vontade chama, mal a pode
 Lançar de si, que às vezes na alegria
 Entra tão furiosa, que a destrói.
 Olha para estes teus doces penhores
 Tão seguros, e certos desse amor,
 De que foram gerados: em seus olhos
 Alegria ora esses teus, que assi desfazes
 Com essas cruéis lágrimas, não chores.
 Danas esse teu rosto tão fermoso,
 Filha, com tantas lágrimas; não chores:
 Não ofendas teus olhos: ah não vejam
 Neles sinais tamanhos de tristeza
 Aqueles, cuja glória é ver-te alegre.
 Olha as águas do Rio como correm
 Para onde está tão saudosamente.
 De lá te vê, Senhora; elas lhe lembram
 Este aposento seu, ou da sua alma.
 Estes campos fermosos, que parecem
 Debaixo deste Céu dourado, e belo,
 Quem os verá, que logo não se alegre?
 Ouve a música doce, com que sempre
 Te vêm a receber os passarinhos
 Por cima destas árvores fermosas.
 Cuida, Senhora, de logreres isto.
 Em algum tempo com dobrado gosto,
 Segura da fortuna, e de seus medos,
 Senhora do teu bem, e desta terra.

CORO, CASTRO, AMA

CORO

Tristes novas, cruéis,
 Novas mortais te trago, Dona Inês.
 Ah coitada de ti, ah triste, triste!
 Que não mereces tu a cruel morte,
 Que assi te vem buscar.

AMA

Que dizes? fala.

CORO

Não posso. Choro.

CASTRO

De que choras?

CORO

Vejo

Esse rosto, esses olhos, essa...

CASTRO

Triste

De mim, triste! que mal? que mal tamanho

É esse, que me trazes?

CORO

É tua morte.

CASTRO

É morto o meu Senhor? o meu Infante?

CORO

Ambos morrereis cedo.

CASTRO

Ó novas tristes!

Matam-me o meu amor? porque mo matam?

CORO

Porque te matarão: por ti só vive.

Por ti morrerá logo.

AMA

Deus não queira

Tal mal, tal desventura.

CORO

Vem mui perto.
 Não te tardará muito, põe-te em salvo.
 Fuge, coitada, fuge, que já soam
 As duras ferraduras, que te trazem
 Correndo a morte triste. Gente armada
 Correndo vem, Senhora, em busca tua.
 El-Rei te vem buscar determinado
 De em ti vingar sua fúria. Vê se podes
 Salvar também teus filhos, não lhe empeça
 Parte de teus maus fados.

CORO

Ó coitada,
 Só, triste, perseguida! Ai meu senhor
 Onde estás, que não vens? el-Rei me busca?

CORO

El-Rei.

CASTRO

Porque me mata?

CORO

Rei cruel!
 Cruéis os que o moveram a tal crueza!
 Por ti vem perguntando. Esses teus peitos!
 Vem só buscar, para com duro ferro
 Serem furiosamente trespassados.

AMA

Cumpriram-se teus sonhos.

CASTRO

Sonhos tristes!
 Sonhos cruéis! porque tão verdadeiros
 Me quisestes sair! ó espírito meu!
 Como não creste mais o mal tamanho
 Que crias, e sabias? Ama, fuge.
 Fuge desta ira grande, que nos busca.
 Eu fico, fico só, mas inocente.
 Não quero mais ajudas, venha a morte:
 Moura eu, mas inocente. Vós, meus filhos,

Vivereis cá por mim: meus tão pequenos,
 Que cruelmente vem tirar de mim.
 Socorra-me só Deus, e socorrei-me
 Vós, moças de Coimbra. Homens, que vedes
 Esta inocência minha, socorrei-me.
 Meus filhos, não choreis: eu por vós choro.
 Lograi-vos desta mãe, desta mãe triste,
 Em quanto a tendes viva. E vós, amigas,
 Cercai-me em roda todas, e podendo,
 Defendei-me da morte, que me busca.

CORO

Teme teus erros, mocidade cega.
 Fuge a ti mesma, logra-te do tempo,
 Que assi te deixa correndo, e voando
 Com suas asas.
 Ó quanto ùa hora, quanto um só momento
 Breve algũa hora quererás de balde!
 Poupa o presente, guarda-o, entesoura-o,
 Tê-lo-ás seguro.
 Todo ouro, e prata, pedras preciosas,
 A que correndo vão todos perdidos,
 Por água, e fogo, não temendo a morte,
 Cavar nas veias,
 Nunca puderam, nunca poderão
 Comprar um ponto deste tempo livre,
 Que assi atrás deixa Príncipes, Senhores,
 Como os mais baixos.
 Igual a todos, igualmente foge.
 Não valem forças, não val gentileza.
 Por tudo passa, tudo calca, e pisa.
 Ninguém o força.
 Com sua fouce, cruel vai cortando
 Vidas a moços, trabalhos a velhos.
 Só boa fama, só virtude casta
 Pode mais que ele.
 Esta se salva somente em si mesma.
 Esta o espirito segue, sempre vive.
 Esta seguindo vencerás o tempo,
 Rir-te-ás da morte.
 Vive pois, vive, mocidade cega,
 Vive co tempo, dele te enriquece.
 Dele só te arma contra aquele dia
 Do grande aperto.
 Após amor vem morte,
 Ou da vida, ou da honra,
 E da alma juntamente,
 Que em noite escura põe,
 Sem ver o claro dia

Da razão, que lhe diz
Os males e perigos,
Em que este amor acaba.
Ó Príncipe tão cego!
Ó Príncipe tão duro!
Que cerraste os teus olhos
Aqueles bons conselhos,
Que cerraste as orelhas
Aqueles bons avisos.
Tu dormes, ou passeias,
E pelos campos vem
Do Mondego correndo
A cruel morte em busca
Da tua doce vida,
Do teu amor tão doce.
Cruel morte, que vens
Buscar esta inocente,
Há piedade, e mágoa
Dos seus fermosos olhos,
Do seu fermoso rosto,
Não desates um nó
Tão firme, com que dous
Corações ajuntou
Amor tão estreitamente.
Cruza farás grande
Partir uns olhos de outros;
Ûa alma assi de outra alma:
E derramar o sangue,
O sangue tão fermoso
Do seu fermoso corpo.
Doam-te aqueles peitos
De marfim, ou de neve.
Doam-te aquelas faces
De lírios, e de rosas,
Que já perdem sua cor
Pela falta do sangue,
Que no coração junto
Lhe tens frio, e coalhado
Com medo do teu nome.
Aquele alva garganta
De cristal, ou de prata,
Que sustém a cabeça
Tão alva, e tão dourada,
Porque cortar a queres
Com golpe tão cruel?
E derramar nos ares
Aquele espirito digno
Do corpo em que vivia.
Há piedade, e mágoa
De tanta fermosura,

Daquele triste Infante,
E destes seus penhores.
Detém-te, em quanto chega,
Detém-te em quanto tarda.
Corre, ó Infante, corre:
Socorre ao teu amor.
Ai tardas! saberás
Como o Amor sempre acaba.

ACTO IV

PACHECO, EL-REI, CORO, CASTRO, COELHO

PACHECO

A presteza em tal caso, é bom seguro,
E piedade, Senhor, será crueza.
Cerra os olhos a lágrimas, e mágoas,
Que te podem mover dessa constância.

REI

Esta é, que a mim se vem: ó rosto digno
De mais ditosos fados!

CORO

Eis a morte
Vem. Vai-te entregar a ela: vai depressa,
Terás que chorar menos.

CASTRO

Vou, amigas;
Acompanhai-me vós, amigas minhas,
Ajudai-me a pedir misericórdia.
Chorai o desamparo destes filhos
Tão tenros, e inocentes. Filhos tristes,
Vedes aqui o pai de vosso pai.
Eis aqui vosso avô, nosso senhor;
Beijai-lhe a mão, pedi-lhe piedade
De vós, desta mãe vossa, cuja vida
Vos vem, filhos, roubar.

CORO

Quem pode ver-te,
Que não chore, e se abrande?

CASTRO

Meu senhor,
Esta é a mãe de teus netos. Estes são
Filhos daquele filho, que tanto amas.
Esta é aquela coitada mulher fraca,
Contra quem vens armado de crueza.
Aqui me tens. Bastava teu mandado
Para eu segura, e livre te esperar,

Em ti, e em minha inocência confiada.
 Escusaras, Senhor, todo este estrondo
 De armas, e Cavaleiros; que não foge,
 Nem se teme a inocência da justiça.
 E quando meus pecados me acusaram,
 A ti fora buscar: a ti tomara
 Por vida em minha morte: agora vejo
 Que tu me vens buscar. Beijo estas mãos
 Reais tão piedosas: pois quiseste
 Por ti vir-te informar de minhas culpas.
 Conhece-mas, Senhor, como bom rei,
 Como clemente, e justo, e como pai
 De teus vassallos todos, a quem nunca
 Negaste piedade com justiça.
 Que vês em mim, Senhor? que vês em quem
 Em tuas mãos se mete tão segura?
 Que fúria, que ira esta é, com que me buscas?
 Mais contra imigos vens, que cruelmente
 Te andassem tuas terras destruindo
 A ferro, e fogo. Eu tremo, Senhor, tremo
 De me ver ante ti, como me vejo.
 Mulher, moça, inocente, serva tua,
 Tão só, sem por mim ter quem me defenda.
 Que a língua não se atreve, o espirito treme
 Ante tua presença, porém possam
 Estes moços, teus netos, defender-me.
 Eles falem por mim, eles sós ouve:
 Mas não te falarão, Senhor, com língua,
 Que inda não podem: falam-te co as almas,
 Com suas idades tenras, com seu sangue,
 Que é teu, te falarão: seu desamparo
 Te está pedindo vida; não lha negues.
 Teus netos são, que nunca até aqui viste:
 E vê-los em tal tempo, que lhes tolhes
 A glória, e o prazer, que em seus espíritos
 Lhe está Deus revelando de te verem.

REI

Tristes foram teus fados, Dona Inês,
 Triste ventura a tua.

CASTRO

Antes ditosa,
 Senhor, pois que me vejo ante teus olhos
 Em tempo tão estreito: põe-nos ora,
 Como nos outros sóis, nesta coitada.
 Enche-os de piedade com justiça.
 Vens-me, senhor, matar? porque me matas?

REI

Teus pecados te matam: cuida neles.

CASTRO

Pecados meus! ao menos contra ti
 Nenhum, meu Rei, me acusa. Contra Deus
 Me podem acusar muitos: mas ele ouve
 As vozes da alma triste, em que lhe pede
 Piedade. O Deus justo, Deus benigno,
 Que não mata, podendo com justiça,
 Mas dá tempo de vida, e espera tempo
 Só para perdoar: assi o fazes,
 Assi o fizeste sempre: pois não mudes
 Agora contra mim teu bom costume.

REI

Tua morte me estão outras muitas vidas
 Pedindo com clamores.

PACHECO

Foge o tempo.

CASTRO

Oh triste, triste! meu senhor, não me ouves?
 Sossega tua fúria, não a sigas.
 Nunca aconselhou bem: nunca deu tempo
 De remédio a algum mal a ira. Sempre
 Traz arrependimento sem remédio.
 Ouve minha razão, minha inocência.
 Culpa é, senhor, guardar amor constante
 A quem mo tem? se por amor me matas,
 Que farás ao imigo? amei teu filho,
 Não o matei. Amor amor merece;
 Estas são minhas culpas: estas queres
 Com morte castigar? em que a mereço?

PACHECO

Dona Inês, contra ti é a sentença dada.
 Despide essa tua alma desse corpo
 Em bom estado, e seja prestesmente.
 Não tenhas que chorar mais, que só a morte.

CASTRO

Ó meus amigos, porque não tirais
 El-Rei de ira tamanha? a vós me vou,
 Em vós busco socorro: ajudai-me ora
 Pedir-lhe piedade. Ó Cavaleiros,
 Que as tristes prometestes defender,
 Defendei-me, que mouro injustamente.
 Se me vós não defendeis, vós me matais.

COELHO

Por mágoa dessas lágrimas te rogo
 Que este tempo, que tens, inda que estreito,
 Tomes para remédio de tua alma.
 O que el-Rei em ti faz, faz com justiça.
 Nós o trazemos cá, não com tenção
 De sermos em ti crus: mas de salvarmos
 Este Reino, que pede esta tua morte.
 Que nunca, ó Deus, quisera que tal meio
 Nos fora necessário. A el-Rei perdoa,
 Que crueza não faz: se a nós fazemos,
 Por ti ante o grã Deus será pedida
 Vingança justa, se te não parece
 Que perdão merecemos nas tenções,
 Com que el-Rei aconselhamos. O ditosa,
 Dona Inês, tua morte! pois só nela
 Se ganha ùa geral vida a todo Reino.
 Bem vês por tua causa como estava,
 Além desse pecado, em que te tinha
 O Infante forçada (que assi o cremos)
 Mas pois para remédio é necessário
 A morte sua, ou tua, é necessário
 Que tu sofras a tua com paciência,
 Que isso te ficará por maior glória
 Que aquela, que esperavas cá do Mundo.
 E quanto mais injusta te parece,
 Tanto mais justa glória lá terás,
 Onde tudo se paga por medida.
 Nós, que a teu parecer mal te matamos,
 Não viveremos muito: lá nos tens
 Antes de muito tempo ante esse trono
 Do grã Juiz, onde daremos conta
 Do mal, que te fazemos. Não ouviste
 Já das Romãs, e Gregas com que esforço
 Morreram muitas só por glória sua?
 Morre, pois, Castro, morre de vontade,
 Pois não pode deixar de ser tua morte.

CASTRO

Triste prática, triste! cru conselho
 Me dás. Quem o ouvira? mas pois já mouro,
 Ouve-me, Rei senhor: ouve primeiro
 A derradeira voz desta alma triste.
 Co estes teus pés me abraço, que não fujo.
 Aqui me tens segura.

REI

Que me queres?

CASTRO

Que te posso querer, que tu não vejas?
 Pergunta-te a ti mesmo o que me fazes,
 A causa, que te move a tal rigor.
 Dou tua consciência em minha prova.
 Se os olhos de teu filho se enganaram
 Com o que viram em mim, que culpa tenho?
 Paguei-lhe aquele amor com outro amor,
 O Fraqueza costumada em todo estado.
 Se contra Deus pequei, contra ti não.
 Não soube defender-me, dei-me toda.
 Não a imigos teus, não a traidores.
 A que alguns teus segredos descobrisse
 Confiados a mim, mas a teu filho
 Príncipe deste Reino. Vê que forças
 Podia eu ter contra tamanhas forças.
 Não cuidava, senhor, que te ofendia.
 Defenderas-mo tu, e obedecera,
 Inda que o grande amor nunca se força.
 Iguamente foi sempre entre nós ambos:
 Iguamente trocámos nossas almas.
 Esta que te ora fala, é de teu filho.
 Em mim matas a ele, ele pede
 Vida para estes filhos concebidos
 Em tanto amor. Não vêes como parecem
 Aquele filho teu? Senhor meu, matas
 Todos, a mim matando: todos morrem.
 Não sinto já nem choro minha morte,
 Inda que injustamente assi me busca,
 Inda que estes meus dias assi corta
 Na sua flor indigna de tal golpe:
 Mas sinto aquela morte triste, e dura
 Para ti, e para o Reino, que tão certa
 Vejo naquele amor, que esta me causa.
 Não viverá teu filho, dá-lhe vida,
 Senhor, dando-ma a mim: que eu me irei logo
 Onde nunca apareça; mas levando
 Estes penhores seus, que não conhecem

Outros mimos, e tetas senão estas,
 Que cortar-lhe ora queres; ai meus filhos,
 O Chorai, pedi justiça aos altos Céus.
 Pedi misericórdia a vosso avô
 Contra vós tão cruel, meus inocentes.
 Ficareis cá sem mim, sem vosso pai,
 Que não poderá ver-vos sem me ver.
 Abraçai-me, meus filhos, abraçai-me.
 Despedi-vos dos peitos, que mamastes.
 Estes sós foram sempre: já vos deixam.
 Ah já vos desempara esta mãe vossa.
 Que achará vosso pai, quando vier?
 Achar-vos-á tão sós, sem vossa mãe:
 Não verá quem buscava: verá cheias
 As casas, e paredes de meu sangue.
 Ah vejo-te morrer, senhor, por mim,
 Meu senhor, já que eu mouro, vive tu.
 Isto te peço, e rogo: vive, vive,
 Empara estes teus filhos, que tanto amas.
 E pague minha morte seus desastres,
 Se alguns os esperavam. Rei senhor,
 Pois podes socorrer a tantos males,
 Socorre-me, perdoa-me. Não posso
 Falar mais. Não me mates, não me mates.
 Senhor, não te mereço.

REI

Ó mulher forte!
 Venceste-me, abrandaste-me. Eu te deixo.
 Vive, em quanto Deus quer.

CORO

Rei piedoso,
 Vive tu, pois perdoas: moura aquele,
 Que sua dura tenção leva adiante.

PACHECO, REI, COELHO

PACHECO

Oh Senhor, que nos matas! que fraqueza
 Essa é indigna de ti? de um real peito?
 Vence-te uma mulher, e estranhas tanto
 Vencer assi teu filho? que já agora
 Terá desculpa honesta; não te esqueças
 Da tenção tão fundada, que te trouxe.

REI

Não pôde o meu esprito consentir
Em crueza tamanha.

PACHECO

Mor crueza.
Fazes agora ao Reino: agora fazes
O que faz a pouca água em grande fogo.
Agora mais se acende, arderá mais
O fogo de teu filho. A que vieste?
A pôr em mor perigo teu estado?

REI

Vejo aquela inocente, chora-me a alma.

COELHO

O ânimo Real tão firme, e forte
Há-de ser no que faz, que nunca possa
Debaixo do Céu nada pervertê-lo.
A justiça, Senhor, pinta-se armada
De espada aguda, contra cujos fios
Não possa haver brandura, nem dureza.
Cada um destes extremos é grã vício
Em quem é pai comum de todo um Reino.
Depois da conta feita, e razões claras,
Depois de tais conselhos em que viste
Quão necessária era esta tua vinda,
Quão necessário o efeito, a que vieste,
Se muda assi, senhor, tão levemente
Por lágrimas teu ânimo constante?
Antes não cometeras, nem cuidaras
Cometer isto, porque não vieras
Acrecentar o mal, que agora vejo
Que fica já de todo sem remédio.

REI

Não vejo culpa, que mereça pena.

PACHECO

Inda hoje a viste, quem ta esconde agora?

REI

Mais quero perdoar, que ser injusto.

COELHO

Injusto é quem perdoa a pena justa.

REI

Peque antes nesse extremo, que em crueza.

COELHO

Não se consente o Rei pecar em nada.

REI

Sou homem.

COELHO

Porém Rei.

REI

O Rei perdoa.

PACHECO

Nem sempre perdoar é piedade.

REI

Eu vejo ùa inocente, mãe de uns filhos
De meu filho, que mato juntamente.

COELHO

Mas dás vida a teu filho, salvas-lhe a alma,
Pacíficas teu Reino: a ti seguras.
Restituis-nos honra, paz, descanso.
Destróis a traidores; cortas quanto
Sobre ti, e teu neto se tecia.
Ofensas, senhor, públicas não querem
Perdão, mas rigor grande. Daqui pende
Ou remédio de um Reino, ou queda certa.
Abre os olhos às causas necessárias,
Que te mostramos sempre, e que tu vias.
Cuida no que emprendeste, e no que deixas.
O ódio de teu filho contra ti,
Contra nós tal será, como qual fora,
Fazendo-se o que deixas por fazer.

A ti ficam seus filhos, ama-os, honra-os.
 Assi lhe amansarás grã parte da ira.
 Senhor, por teu estado te pedimos:
 Pelo amor do teu povo, com que te ama,
 Pelo com que sabemos que nos amas:
 Por mais vida, e mais honra de teu filho,
 Príncipe nosso: e por aquele seu
 Fernando único herdeiro, cuja vida
 Te está pedindo justamente a morte
 Desta mulher: em fim por honra tua,
 Pela constância firme, com que sempre
 Acudiste ós remédios, e à justiça,
 Que a não deixes agora: que te movam
 Mais estas razões fortes, que essa mágoa
 Injusta, que depois chorarás mais,
 Perdendo esta ocasião, que Deus te mostra.

REI

Eu não mando, nem vedo. Deus o julgue.
 O Vós outros o fazei, se vos parece
 Justiça, assi matar quem não tem culpa.

COELHO

Essa licença basta: a tenção nossa
 Nos salvará cos homens, e com Deus.

CORO

Em fim venceu a ira, cruel imiga
 De todo bom conselho. Ah quanto podem
 Palavras, e razões em peito brando!
 Eu vejo teu espirito combatido
 De mil ondas, ó Rei. Bom é teu zelo:
 O conselho leal: cruel a obra.

REI

Por crueza julgais o que é justiça?

CORO

Crueza a chamará toda outra idade.

REI

Minha alma inocente é, conselho sigo.

CORO

Deus te julgue. Eu não ousou. Porém temo.

REI

Que temes?

CORO

Este sangue, que aos Céus brada.
 Não culpamos a ti: nem desculpamos
 As descorteses mãos de teus Ministros
 Constantes no conselho, crus na obra.
 Ai vêes que crueldade? ó nunca visto
 Mais inocente sangue! e como sofres,
 Ó Rei, tal injustiça? ouves os brados
 Da inocente moça? ouves os choros
 Dos inocentes filhos? triste Infante!
 Ali passam tua alma teus vassallos,
 De teu sangue os cruéis tingem seus ferros.

REI

Afronta-se minha alma. Ó quem pudera
 Desfazer o que é feito!

CORO

Já morreu Dona Inês, matou-a Amor;
 Amor cruel! se tu tiveras olhos,
 Também morrerias logo. Ó dura morte,
 Como ousaste matar aquela vida?
 Mas não mataste: melhor vida, e nome
 Lhe deste do que cá tinha na terra.
 Este seu corpo só gastará a terra,
 Por quem estará chorando sempre o Amor,
 Honrando-se somente do seu nome.
 Mas quem a quiser ver com outros olhos,
 Outro nome, outra glória, outra honra, e vida
 Lhe achará, contra a qual não pode a morte.
 Aqueles matas tu somente, ó morte,
 Cujos nomes se esquece, e a quem na terra
 Fica de todo sepultada a vida.
 Mas esta viverá, em quanto o Amor
 Entre os homens reinar, e sempre os olhos
 De todos a verão com melhor nome.
 Real amor lhe dará Real nome.
 Ó que coroa lhe aparelha a morte!
 Depois que lhe cerrou os claros olhos
 Indinos de ante tempo irem à terra,

Sem quem só fica, e desarmado Amor;
 Sem quem quão triste, Infante, a tua vida!
 Tu és o que morreste, aquela vida
 Era tua; já agora aquele nome
 Que tão doce te fez sempre o Amor,
 Triste to tem tornado a cruel morte.
 Chorando a andarão sempre na terra
 Té que nos Céus a vejam esses teus olhos.
 Nem haverá já nunca no Mundo olhos,
 Que não chorem de mágoa de ùa vida
 Assi cortada em flor. E quem a terra
 For ver, em que estiver escrito o nome
 Dela, dirá: Aqui está chorando a morte
 De mágoa do que fez, aqui o Amor.
 Amor, quanto perdeste nuns sós olhos,
 Que debaixo da terra pôs a morte,
 Tanto eles mais terão de vida, e nome.

SÁFICOS

Choremos todos a Tragédia triste,
 Que esta crua morte deixará no Mundo.
 Já aquele espirito, que também vivia
 Em ti, ó Castro, vai aos Céus voando.
 Já aquele sangue purpúreo, inocente,
 Forçadamente desempara os membros,
 A que ele dava aquela cor, e graça,
 Que a natureza mais perfeitamente
 Formar pudera nesta, ou outra idade.
 Assi a região, que vê nascer o Sol,
 Como a região onde o Sol se esconde,
 Assi aquela, que ao fervente Cancro,
 Como aqueloutra, que à fria mor Ursa
 Estão sujeitas, esta mágoa chorem.
 Jaz a coitada no seu sangue envolta
 Aos pés dos filhos, para quem fugia;
 Não lhe valeram, que não tinham forças
 Para tomarem os agudos ferros,
 Com que seus peitos tão irosamente
 Trespasar viam aqueles cruéis.
 Ó mãos tão duras, ó corações duros,
 Como pudestes fazer tal crueza?
 Outras mãos venham, que vo-las arranquem
 Com mor crueza.
 Que duros Getas, mas que Leões, que Ussos
 Não amansara tão fermoso rosto?
 Que ira tão brava não tornara branda
 liJa só mágoa de tão doce boca?
 Que mãos tão cruas não ataram logo
 Aqueles crespos seus ricos cabelos?

Aqueles olhos em que pedras duras
Não imprimiram brandura? ó que mágoa!
Ó que crueza tão fera, e tão bruta!
Moça inocente por amor só morta:
Com gente armada, como forte imigo.
Tu, Deus, que o viste, ouve o clamor justo
Daquele sangue, que te está pedindo
Crua vingança.

ACTO V

INFANTE, MENSAGEIRO

INFANTE

Outro Céu, outro Sol me parece este
 Diferente daquele, que lá deixo
 Onde parti, mais claro, e mais fermoso.
 Onde não resplandecem os dois claros
 Olhos da minha luz, tudo é escuro.
 Aquele é só meu Sol, a minha estrela,
 Mais clara, mais fermosa, mais luzente
 Que Vénus, quando mais clara se mostra.
 Daqueles olhos se alumia a terra,
 Em que sombra não há, nem nuvem escura.
 Tudo ali é tão claro, que té a noite
 Me parece mais dia, que este dia.
 A terra ali se alegra, e reverdece
 Doutras flores mais frescas, e melhores.
 O Céu se ri, e se doura diferente
 Do que neste Horizonte se me mostra.
 O soberbo Mondego com tal vista
 Parece que ao grã mar vai fazer guerra.
 Doutros ares respira ali a gente,
 Que fazem imortais os que lá vivem.
 Ó Castro, Castro, meu amor constante!
 Quem me de ti tirar, tire-me a vida.
 Minha alma lá ma tens, tenho cá a tua,
 Morrendo tia destas vidas, ambas morrem.
 E havemos de morrer? pode vir tempo
 Que ambos nos não vejamos? nem eu possa,
 Indo buscar-te, ó Castro, achar-te lá?
 Nem achar os teus olhos tão fermosos,
 De que os meus tomam luz, e tomam vida?
 Não posso cuidar nisto, sem os olhos
 Mostrarem a saudade, que me fazem
 Tão tristes pensamentos. Viveremos
 Muitos anos, e muitos: viveremos
 Sempre ambos neste amor tão doce, e puro.
 Rainha te verei, deste meu Reino,
 Doutra nova coroa coroadada
 Diferente de quantas coroaram
 Ou de homens, ou mulheres as cabeças.
 Então serão meus olhos satisfeitos:
 Então se fartará da glória sua
 Esta alma, que anda morta de desejos.

MENSAGEIRO

Ó triste nova, triste mensageiro
Tens ante ti, senhor.

INFANTE

Que novas trazes?

MENSAGEIRO

Novas cruéis; cruel sou contra ti,
Pois me atrevi trazê-las. Mas primeiro
Sossega teu espírito: e nele finge
A mor desventura, que te agora
Podia acontecer: que grã remédio
É ter o espírito armado à má fortuna.

INFANTE

Tens-me suspenso. Conta: que acrescentas
O mal com a tardança.

MENSAGEIRO

É morta Dona Inês, que tanto amavas.

INFANTE

Ó Deus: ó Céus! que contas? que me dizes?

MENSAGEIRO

De morte tão cruel, que é nova mágoa
Contar-ta: não me atrevo.

INFANTE

É morta?

MENSAGEIRO

Si.

INFANTE

Quem ma matou?

MENSAGEIRO

Teu pai, com gente armada

Foi hoje salteá-la. A inocente,
 Que tão segura estava, não fugiu.
 Não lhe valeu o amor com que te amava.
 Não teus filhos, com quem se defendia.
 Não aquela inocência, e piedade,
 Com que pediu perdão aos pés lançada
 Del-Rei teu pai, que teve tanta força
 Que lho deu já chorando. Mas aqueles
 Cruéis Ministros seus, e Conselheiros
 Contra aquele perdão tão merecido
 Arrancando as espadas se vão a ela
 Traspassando-lhe os peitos cruelmente;
 Abraçada com os filhos a mataram.
 Que inda ficaram tintos do seu sangue.

INFANTE

Que direi? que farei? que clamarei?
 Ó fortuna! ó crueza! ó mal tamanho!
 Ó minha Dona Inês, ó alma minha,
 Morta me és tu? morte houve tão ousada
 Que contra ti pudesse? ouço-o, e vivo?
 Eu vivo, e tu és morta? é morte crua!
 Morte cega, mataste minha vida,
 E não me vejo morto? Abra-se a terra.
 Sorva-me num momento: rompa-se a alma,
 Aparte-se de um corpo tão pesado,
 Que ma detém por força.
 Ah minha Dona Inês, ah, ah minha alma!
 Amor meu, meu desejo, meu cuidado,
 Minha esperança só, minha alegria,
 Mataram-te? mataram-te? tua alma
 Inocente, fermosa, humilde, e santa
 Deixou já seu lugar? ah de teu sangue
 Se encheram as espadas? de teu sangue?
 Que espadas tão cruéis, que cruéis mãos?
 Ah como se moveram contra ti?
 Como tiveram forças, como fios
 Aqueles duros ferros contra ti?
 Como tal consentiste, Rei cruel?
 Imigo meu, não pai, imigo meu!
 Porque assi me mataste? ó Leões bravos!
 Ó Tigres! ó serpentes! que tal sede
 Tínheis deste meu sangue! por que causa
 Vos não vínheis em mim fartar vossa ira?
 Matáreis-me, e vivera. Homens cruéis,
 Porque não me matastes? meus imigos,
 Se mal vos merecia, em mim vingáreis
 Esse mal todo. Aquela ovelha mansa
 Inocente, fermosa, simples, casta,

Que mal vos merecia? mas quisestes
 Como imigos cruéis buscar-me a morte
 Não da vida, mas de alma. O Céus, que vistes
 Tamanha crueldade, como logo
 Não caístes? O montes de Coimbra,
 Como não sovertestes tais Ministros?
 Como não treme a terra, e se abre toda?
 Como sustenta em si tão grã crueza?

MENSAGEIRO

Senhor, para chorar fica assaz tempo:
 Mas lágrimas que fazem contra a morte?
 Vai ver aquele corpo, vai fazer-lhe
 As honras, que lhe debes.

INFANTE

Tristes honras!
 Outras honras, senhora, te guardava:
 Outras se te deviam. O triste, triste!
 Enganado, nascido em cruel signo.
 Quem me enganou? ah cego que não cria
 Aquelas ameaças! mas quem crera
 Que tal podia ser?
 Como poderei ver aqueles olhos
 Cerrados para sempre? como aqueles
 Cabelos já não de ouro, mas de sangue?
 Aquelas mãos tão frias, e tão negras,
 Que antes via tão alvas, e fermosas?
 Aqueles brancos peitos trespassados
 De golpes tão cruéis? Aquele corpo,
 Que tantas vezes tive nos meus braços
 Vivo, e fermoso, como morto agora,
 E frio o posso ver? ai como aqueles
 Penhores seus tão sós? ó pai cruel!
 Tu não me vias neles? meu amor,
 Já me não ouves? já não te hei-de ver?
 Já te não posso achar em toda a terra?
 Chorem meu mal comigo quantos me ouvem.
 Chorem as pedras duras, pois nos homens
 Se achou tanta crueza. E tu, Coimbra,
 Cobre-te de tristeza para sempre.
 Não se ria em ti nunca, nem se ouça
 Senão prantos, e lágrimas: em sangue
 Se converta aquela água do Mondego.
 As árvores se sequem, e as flores.
 Ajudem-me pedir aos Céus justiça
 Deste meu mal tamanho.
 Eu te matei, senhora, eu te matei.

Com morte te paguei o teu amor.
Mas eu me matarei mais cruelmente
Do que te a ti mataram, se não vingo
Com novas crueldades tua morte.
Para isto me dá, Deus, somente vida.
Abra eu com minhas mãos aqueles peitos,
Arranque deles uns corações feros,
Que tal crueza ousaram: então acabe.
Eu te perseguirei, Rei meu imigo.
Lavrará muito cedo bravo fogo
Nos teus, na tua terra, destruídos
Verão os teus amigos, outros mortos,
De cujo sangue se encherão os campos,
De cujo sangue correrão os rios,
Em vingança daquele: ou tu me mata,
Ou fuge da minha ira, que já agora
Te não conhecerá por pai. Imigo
Me chamo teu, imigo teu me chama.
Não me és pai, não sou filho, imigo sou.
Tu, senhora, estás lá nos Céus, eu fico
Em quanto te vingar: logo lá voo.
Tu serás cá Rainha, como foras.
Teus filhos, só por teus serão Infantes.
Teu inocente corpo será posto
Em estado Real: o teu amor
Me acompanhará sempre, té que deixe
O meu corpo co teu; e lá vá esta alma
Descansar com a tua para sempre.

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
